O DEMÔNIO DA REFORMA TRABALHISTA E AS SAGRADAS VEIAS LIBERTÁRIAS: representações no discurso contemporâneo da CNBB e no conto 'O novo padre', de Mia Couto

Damiana Silva de Melo[1]

Introdução

A Reforma Trabalhista proposta pelo governo Temer geradora de vários conflitos, desconfortos e insegurança no meio da classe trabalhadora, assusta e causa indignação na população nacional, pois a mesma acarreta a revogação de alguns direitos adquiridos por essa massa trabalhadora. A justificativa do Senado para a aprovação da mesma, refere-se ao crescente desemprego e o fato do mercado atual, apresentar claros níveis de decadência financeira. As mudanças advindas de tal proposta movimentam desde as formas de contrato de trabalho, podendo até torná-los intermitentes; redução de tempo para as refeições; expansão da carga horária de trabalho, chegando a atingir o limite de 12 horas por dia.

Correlato às decisões governamentais descritas, emergem discursos libertários advindos da CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, abertamente dispostos a elaborar levantes junto ao povo na luta contra a perda dos direitos trabalhistas. Os movimentos de resistência contra os atos de apreciação e concessão, pelos deputados e senadores, e posterior sanção do então presidente em exercício, já recebiam reclames da população, que indignada com tais atitudes, já se organizavam junto aos seus sindicatos; fora outros grupos, também atingidos por aquelas medidas, como por exemplo, os indivíduos aposentados ou prestes a se aposentarem.

O ato de apoio personalizado da Igreja Católica na figura dos bispos e padres a convocarem os fiéis durante suas pregações nas igrejas, torna evidente, que a instituição tomara a defesa dos menos favorecidos. Dom Hélder já advertia que as criaturas humanas não se acomodassem aos serviços e benefícios decorrentes de vertentes paternalistas, ou benefícios anunciados, mas

[1] Damiana Silva de Melo. Graduada em Letras, pela URCA. Com especialização em Literatura Brasileira, Pela URCA. Mestranda em Ciências da Religião, pela UNICAP. Fone: (88) 988056132 – (88) 992766363. Email: dannisilvamello@gmail.com

participassem ativamente das decisões chama-os de ‘minorias abraâmicas’, disposta a provações[2].

Aliado ao conteúdo referente aos mais diversos tipos excluídos das sociedades, ao se lançar um olhar para além da América Latina, encontra-se o mesmo perfil de oprimido e opressor na Literatura Africana do moçambicano Mia Couto, que assevera a narrativa com personagens fortes, guiados por atos de valentia e liderança, também eclesiástica, no intuito de libertar seu povo; cabe inquirir sobre o papel da igreja ao contagiar a Comunidade Cristã, convocando-as a defrontar ações dos governos estabelecidos, ou representados na ficção por figuras patenteadas no poder político.

Busca-se discutir o problema social contemporâneo, a reação do povo às injustiças ocasionadas pelos poderes ditos ‘democráticos’, ou não, e atrelados aí, o possível engajamento dos líderes religiosos, intertextualizados pelo discurso literário; provocando que a grande Literatura, além da função lúdica ou catártica, interessa-se, preocupa-se verdadeiramente, age para a formação de novos conceitos e manutenção de criticidade sócio político em seus leitores. A atual igreja liberta ou escraviza, penaliza ou absolve os exploradores? a intervenção é construída, também através da análise dos discursos da personas do conto supracitado.

Princípios de uma Teologia da Libertação

O movimento teológico apartidário intitulado Teologia da Libertação, surgiu na América Latina, entre décadas de 40 e 60, patenteado pelo peruano Gustavo Gutiérrez, o uruguaio Juan Luís Segundo, o el salvadorenho Jon Sobrinho e finalmente pelo brasileiro Leonardo Boff. Inicialmente, cada um articulado, mas independente, pois alguns sequer sabiam do trabalho uns dos outros. A organização do pensamento dessa iniciativa nasce mediante diversas mudanças no cenário desses países; o contexto sócio econômico opressor para o povo latino, a realização do Concílio Vaticano II, o florescimento das comunidades eclesiásticas de base, a valorização do Marxismo como instrumento de análise social, as Ciências sociais ganhando destaque, a realização da segunda Conferência do Episcopado Latino Americano em Medelín, na Colômbia, e finalmente a igreja sendo impulsionada a

[2] PIMENTA, Maria do Carmo (org.). Ano 2000: 500 anos de Brasil: uma visão de fé, esperança e amor nas mensagens de Dom Hélder Câmara. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 12.

mudar o âmbito e começar a experienciar uma ação paradigmática mais operante do ver- julgar e agir.

As primeiras tentativas de transformações de pensamento e ação dentro das igrejas não foram recebidas assim de modo tão pacífico; as operações geraram conflitos e rupturas, culminando na radicalização do Vaticano, mais precisamente a CDF, Congregação para a Doutrina da Fé, chegar ao ponto de expulsar Leonardo Boff, da igreja por criticar a hierarquia da religião. Os teólogos da libertação pregaram uma prática de espiritualidade mais abrangente e menos alienante, no que se refere à oração, confissão e adoração, e demais práticas tradicionais[3].

Os problemas sociais vividos pela classe pobre foram e continuam a ser, para a Teologia da Libertação, o pior dos pecados, e tal mal, ocasionados a esses, menos favorecidos das sociedades, não se exorciza simplesmente com orações, penitências, ou apenas confissões, mas através de um levante 'libertário', promovido pelo povo, pela igreja, pelos movimentos políticos comprometidos em cobrar justiça. "Há um descuido vergonhoso pelo nível moral da vida pública marcada pela corrupção e pelo jogo explícito de poder de grupos, chafurdando no pantanal de interesses coorporativos."[4]

A ideologia pregada é a de liberdade em todas as dimensões, inclusive no que concernem as posturas e práticas ligadas a Deus. A nova teologia evangelizadora, busca caminhar na contemporaneidade, com os homens, fazer juz à tocante assertiva do Cristo "Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância"[5], o pontífice afirma o desejo de unir-se a eles, na luta pelos direitos, objetivando criticidade maior, seria uma fé aliada à razão, que culminaria em um ser mais consciente de si no mundo, dos processos de manipulação e exploração, por vezes apadrinhado e justificado pela fé ou pelas religiões. "As atividades filantrópicas, favoritismos políticos, tudo isso precisa ser extirpado e ensinado ao povo, que são práticas indecentes, e cabe, também ao catolicismo elaborar nova evangelização."[6]

A práxis do Cristianismo tenderia para libertar, tenderia a promover ações justas, interligadas ao amor e caridade, sem imperialismo interno ou externo. Interno

---

[3] Cf. LIBÂNIO, João Batista. Teologia da Libertação: roteiro para um estudo. Vol. 22. São Paulo: Edições Loyola, 1987. p. 25.
[4] BOFF, Leonardo. Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 20.
[5] JERUSALÉM, Bíblia de. Evangelho de João 10:10. São Paulo: Paulus, 2002. p. 1869.
[6] CÂMARA, Dom Hélder. Deserto fértil. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1975. p. 25-28.

comandado pelas instituições nacionais, inclusive religiosas, externas conexas ao poderio enraizado do colonizador nas gentes destas terras. Não mais se poderia esperar o Reino de Deus assentado no comodismo. Governos pseudodemocráticos, autoritários em suas bases, são eufemismos que traduzem criação de leis ditatoriais absurdas, disfarçados, firmado a opressão ao pobre[7].

O discurso da Conferência Nacional dos Bispos: teologia do encontro e da liberdade

O catolicismo, nos contextos e circunstâncias da modernidade política no Brasil, através do conclame da CNBB aos fiéis para exigir, que seus direitos trabalhistas não sejam tomados pelo governo, ensaia um paradigma de luta junto aos menos favorecidos. Arcebispos de Olinda e Recife, de Aparecida, dentre outros, divulgaram posicionamentos convocando a população a defrontar as propostas de mudança trabalhista do governo Temer. Dom Leonardo Steiner, Secretário Geral da CNBB em entrevista, confirma reunião com os bispos e apoio aos grevistas. “Convocamos os cristãos e pessoas de boa vontade, particularmente nossas comunidades, a se mobilizarem ao redor da atual Reforma da Previdência, a fim de buscar o melhor para o nosso povo, principalmente os mais fragilizados.”[8]

A CNBB desinstala a igreja, elabora o movimento inverso, é a instituição que vai de encontro ao povo, no impacto de ser igreja, de vivenciar a emancipação do povo proposta pelo Papa Francisco no II Encontro Mundial Movimentos Populares em Bolívia, em 9 julho de 2015, ao afirmar que Deus ouvia o clamor da humanidade pobre, que era preciso lutar pelos direitos sagrados: terra, teto e trabalho, e que uniria sua voz à dos excluídos, até que ela fosse escutada por toda a América Latina e depois da terra inteira[9].

---

[7] Ibidem, p. 13.

[8] <http://cnbb.net.br/vaticano-fara-ecoar-ao-mundo-a-voz-da-55a-assembleia-geral> Acesso em: 24/05/2017.

[9] <http://pt.radiovaticana.va/news/2015/07/10/discurso_do_papa_aos_movimentos_populares_(texto_integral)/1157336>. Acesso em 31/05/2017.

Em África tudo nem tudo é o que parece ser, mas tudo clama reformas

A Literatura Africana dada a sua riqueza, a partir da narrativa de Mia Couto, traz à luz do pensamento, ponderações e críticas acerca do contexto sócio político da África; subjugado pelo domínio Português em seu período de colonização, e na contemporaneidade oprimido pelas mesmas causas. A história é ambientada como nos apresenta o narrador "em pleno mato da colônia de Moçambique", "A vila era um desamparadeiro, lugar de além do fim do mundo"[10]. O espaço já denota distância de cidades mais modernas, entregues a total falta de amparo de outros poderes instalados, palco de injustiças cometidas sem a menor preocupação de punição.

O poder político se instaura na figura do português Ludmilo Gomes, engenheiro e morador da pequena vila, indivíduo que governava o local "com suas próprias leis", não fugia ao sacro dever de acompanhar as missas dominicais. Há todo um desvelo do governante local em apresentar-se sempre devidamente arrumado para ouvir o sermão do padre e receber a comunhão, atos que ele praticava com fervor devocional e louvor.

De modo aparentemente displicente o foco narrativo paira sobre alguns negros que se juntavam no bairro dos brancos, fica explícito a situação de separativismo de raças, e se acentua no preconceito exacerbado de Ludmilo. "Já na capela, Ludmilo suspirou aliviado. Na igrejinha, tinha só brancos. Não era que ele fosse racista, insistia ele. Mas era insensível a cheiros"[11]. A imagem de desconforto do político torna-se notório, quando por viés revela a postura do colonizador preconceituoso.

O citado homem, vai confessar seus pecados, o padre encontra-se trancado no confessionário, aquele não o vê, e inicia seu relato sobre a tentativa de praticar sexo com uma jovem negra, contra a vontade dela. Nisso, o mesmo revela toda a sensualidade da raça da mulher, e começa a justificar que a mesma, somente fingia não querer deitar-se com ele; já que segundo o confesso, isso seria um privilégio para as negras. Assegura o homem; "qual pretita não quer ser, como direi,

[10] COUTO, Mia. O fio das missangas. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 89.
[11] COUTO, 2009, p. 90.

senhor padre, não quer ser possuída por um branco?”[12], e deixa o lascivo senhor concluir sua história.

O engenheiro acaba por revelar que entre os gritos de negativas da moça, o irmão da mesma vem ao seu socorro; e no meio da confusão acaba por suceder algo pior. E se defende o sedutor, ocultando totalmente as falas dos demais envolvidos na tragédia, que houvera um mal entendido entre os três. É a partir de Iñiguez que as nota-se que as práticas discursivas articulam implícitos nas linguagens sociais existentes, produzindo interdiscursos e o uso da linguagem social dos riscos[13]. Observe Couto**:**

> O rapaz num ápice, se lançou sobre a cama onde nos debatíamos. Pensei que ia me agredir. Mas ele, coitado, queria era bater na irmã, por ela estar criando um conflito comigo. Sem entender, lhe atirei com um ferro. Dizem que foi aquilo que o matou. Não se morre assim, o senhor sabe, como os africanos são vítimas de maleitas e feitiços.[14]

Na análise do discurso final da confissão, o homem pergunta ao padre que tipo de penitência terá de cumprir e para espanto, o mesmo responde que nenhuma, O outro, para se aliviar da culpa inteira, inquire se Deus o perdoou, o clérigo com voz firme assegura que, Deus está cansado de ouvir. O demônio foi quem o escutou. E de lá do meio do Inferno, é o demônio quem o está abençoando[15]**.**

O desfecho maior se dá quando o condenado homem vê o padre sair do confessionário, descobre que este é negro, e escuta “como se fosse vindo de outro tempo o ranger das rodas do canhão”[16]**.** E estremece, ao ouviu pés descalços dos pobres, cruzando os passeios do bairro dos brancos. É a voz e a vez do oprimido, liderado implicitamente pela palavra libertadora do Evangelho, através do eclesiástico. As propostas analisadas neste artigo nos levam a observar a postura da Conferência nacional dos Bispos do Brasil a inclui-se na matriz discursiva em defesa dos direitos legítimos, e justos dos trabalhadores e menos favorecidos do país, apresenta diálogo de encontro a uma teologia para e com o pobre, é o Evangelho do Cristo em seus primórdios a ecoar nas ruas, clamando libertação, seja

---

[12] Ibidem, p. 92.
[13] Cf. IÑIGUEZ, Lupicínio. Manual de análise do discurso. Tradução Vera Lúcia Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
[14] COUTO, op. cit., p. 92.
[15] Ibidem, p. 93.
[16] COUTO, 2009, p. 93.

no Brasil, ou na África, na realidade ou ficção, o cristianismo revela assim que urge produzir conscientização e seguir caminho de encontro; a conferir fé, força e amor.

Referências

BOFF, Leonardo. Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. 19 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CÂMARA, Dom Hélder. Deserto fértil. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira,1975.

COUTO, Mia. O fio das missangas. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

IÑIGUEZ, Lupicínio. Manual de análise do discurso. Tradução Vera Lúcia Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

JERUSALÉM, Bíblia de. Evangelho de João 10:10. São Paulo: Paulus, 2002.

LIBÂNIO, João Batista. Teologia da Libertação: roteiro para um estudo. Vol. 22. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

PIMENTA, Maria do Carmo (org.). Ano 2000: 500 anos de Brasil: uma visão de fé, esperança e amor nas mensagens de Dom Hélder Câmara. São Paulo: Paulinas, 1999.

<http://cnbb.net.br/vaticano-fara-ecoar-ao-mundo-a-voz-da-55a-assembleia-geral> Acesso em: 24/05/2017.

<http://pt.radiovaticana.va/news/2015/07/10/discurso_do_papa_aos_movimentos_populares_(texto_integral)/1157336>. Acesso em 31/05/2017.